

IDENTIDADE, PRÁTICA DISCURSIVA E CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Hermínia Maria Martins Lima Silveira

Doutoranda FALE/UFMG.
Bolsista FAPEMIG

Resumo

P

ara este trabalho, levo em consideração que a prática discursiva do professor de Língua Portuguesa está pautada na imagem que ele faz do seu auditório e os efeitos de sentido que o sujeito professor deseja produzir com a sua turma, neste caso, alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais. Essas representações podem ser confirmadas ou negadas pelos interlocutores conforme a cena enunciativa permitindo ou não sucesso do projeto argumentativo do professor. Numa abordagem discursiva, em diálogo com Maingueneau (2008) e Amossy (2008), entende-se que o *ethos* discursivo está diretamente relacionado ao momento da enunciação e à imagem prévia que o auditório possui do enunciador antes mesmo da sua fala. No e pelo processo discursivo, o enunciador atribui a si uma imagem ancorada em representações cristalizadas, estereotipadas que, de certa forma, determinam o sucesso dessa representação em uma cena discursiva. É, nesse sentido, que aqui se busca propor uma articulação entre *ethos* e posicionamentos identitários para entender que os movimentos (verbais ou não verbais), mobilizados pelo professor, concorrem para a construção de sua imagem no curso de sua enunciação, no âmbito de suas aulas para melhor apreender como esse sujeito se mostra ou se constrói para os seus interlocutores, no caso, os alunos. Sob essa perspectiva, pode-se concluir que toda atividade discursiva está inscrita em contexto social e histórico específico, em que o enunciador, diante de seu projeto de fala, estabelece um contrato comunicativo com o seu auditório, num jogo de relações, capaz de garantir o sucesso do evento discursivo.

Palavras-chave: Identidade. Cena enunciativa. *Ethos* discursivo.

A construção do *Ethos* do professor

Entende-se que as constantes mudanças ocorridas na sociedade moderna suscitaram uma reflexão a respeito do surgimento de novas identidades. Essas transformações sociais provocaram uma alteração na concepção de sujeito como ser unificado, integrado, para a ideia de descentralização, de fragmentação do sujeito.

Seguindo de perto essa proposição, para pensar as questões de identidade e de *ethos* discursivo, elejo os estudos bakhtinianos, em que a língua é considerada um fenômeno social de natureza ideológica, em diálogo com os estudos de Maingueneau, de Amossy e de Hall.

Neste trabalho, serão analisadas ações de linguagem de uma professora de Língua Portuguesa de uma escola da rede particular de ensino de uma turma de 9º ano (antiga 8ª série) do Ensino Fundamental, localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais. A professora informante tem mais de vinte anos de carreira e leciona para as redes estadual e particular de ensino. Os dados apresentados foram construídos durante o meu trabalho de mestrado intitulado como “A construção da identidade do professor de Língua Materna na rede de atividades do cotidiano escolar”¹ cujo foco de investigação era analisar as práticas discursivas do professor na esfera escolar, a fim de verificar o modo como as ações/atividades didáticas contribuem para a emergência das diferentes posições identitárias assumidas pelo professor numa rede de atividades da esfera docente, focalizando, particularmente, o espaço da sala de aula.

Neste estudo, a noção de *ethos* é pensada levando em consideração que, no (e pelo) processo discursivo, o enunciador atribui a si uma imagem ancorada em representações cristalizadas, estereotipadas, que de certa forma determinam o sucesso dessa representação em uma cena discursiva.

Os estudos aristotélicos² definem *ethos* como a capacidade do indivíduo de convencer o auditório, promovendo, assim, confiança entre os participantes da cena enunciativa. Essa imagem projetada pelo orador no momento da enunciação não tem necessariamente relação direta com as suas próprias características, ou seja, trata-se de uma imagem discursiva construída com intuito de persuadir o seu auditório.

1 Foram doze aulas observadas, no total de oito horas e quarenta e dois minutos de gravação. As aulas gravadas apresentavam uma temática variada, em termos do objeto ensinado; leitura, interpretação de texto e estudos linguísticos/gramática.

2 Na Grécia, a noção de *ethos* surge com Aristóteles e em Roma com os estudos de Quintiliano e Cícero. Para os romanos, o *ethos* representava as características reais do orador, não se tratava simplesmente de uma imagem discursiva construída no momento da enunciação.

Ainda para Aristóteles, a construção do *ethos* retórico apresenta três características fundamentais que auxiliam na produção da imagem positiva do orador; a *phronesis* (pessoa ponderada); a *aretè* (atitude de homem que fala francamente, apresenta a verdade) e a *eunoia* (exibição de uma imagem agradável de si mesmo). A finalidade básica da retórica antiga era a persuasão, em outras palavras, a retórica estava “mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso; isto é, mais preocupada com a função retórica do que com a configuração do próprio texto” (ARISTÓTELES, 2005, p. 21-22).

Na linha desse raciocínio, a arte do convencimento no/pelo discurso não está atrelada à verdade, mas aos indícios que promovam efeitos de verdade que envolvem o auditório no momento de situações de interlocução oral, no caso da retórica tradicional que só levou em consideração o estudo do *ethos* em situações de interlocução oral, em situação de fala pública, atribuindo importância à forma física do orador, seus gestos e entonação.

Segundo Maingueneau, o *ethos* “não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica construída pelo destinatário através dos movimentos da própria fala do locutor” (2008b, p.14). Então, cabe ao destinatário conferir certas características ao momento da enunciação, em relação ao discurso proferido pelo locutor, sem perder de vista que esse discurso se encontra integrado a uma determinada conjuntura sócio-histórica.

O enunciador confere ao seu dizer uma vocalidade que se apresenta como uma característica discursiva por meio da qual ele busca legitimar o que é dito, ou seja, o enunciador investe-se de credibilidade, de confiabilidade. Entretanto, a construção do *ethos* não está ligada somente à dimensão verbal do discurso, mas ao conjunto de descrições físicas e psíquicas referentes ao ‘orador’ conforme as representações coletivas estereotípicas. A estereotipagem, então, se apresenta como essencial para a construção do *ethos*.

Portanto, para Maingueneau, o *ethos* é o resultado da inter-relação do *ethos* pré-discursivo,³ imagem produzida conforme os modelos/estereótipos de determinadas práticas sociais e do *ethos* discursivo (*ethos* mostrado/ *ethos* dito)⁴ que se refere ao uso de elementos linguísticos pelo enunciador para a construção da imagem de si mesmo no ato enunciativo. Em se tratando do

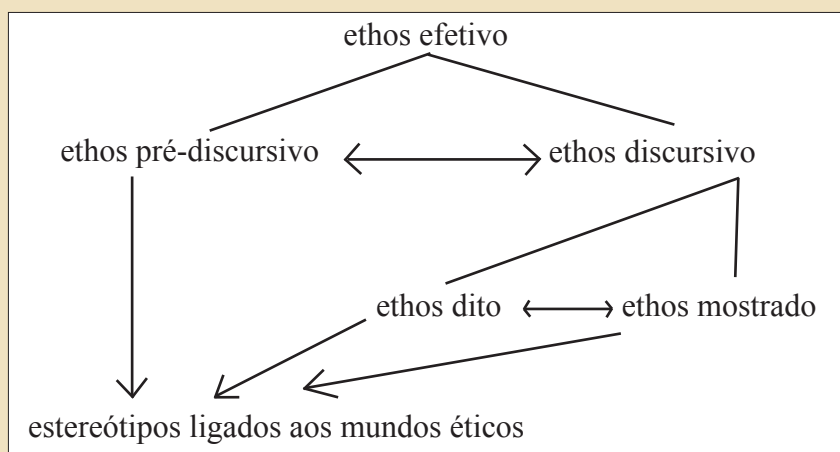
3 Amossy (2008) considera como *ethos* prévio.

4 Sobre o *ethos* dito e o mostrado, para o autor, não é possível definir uma diferença clara entre eles, pois “a distinção entre *ethos* dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o puramente ‘mostrado’ pela enunciação” (MAINGUENEAU, 2008b, p.18)

ethos pré-discursivo, mesmo que o coenunciador não tenha, no primeiro momento, uma representação prévia do enunciador, a pertença de um texto a um determinado gênero de discurso, a uma determinada formação discursiva e o posicionamento ideológico manifestado no texto geram pistas que permitem inferir características do *ethos* do enunciador.

A figura⁵ a seguir ilustra a relação estabelecida entre *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* dito/*ethos* mostrado) para a construção do *ethos* efetivo.

5 A figura (MAINGENEAU, 2008b, p.19) apresenta a construção do *ethos* discursivo como processo que apresenta uma interação entre as diversas instâncias. As setas duplas indicam uma relação de interação.



De acordo com esse autor, o *ethos* efetivo se dá numa relação mútua entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo ou *ethos* prévio, pois o *ethos* pré-discursivo pode afetar e direcionar a construção do *ethos* discursivo, como também o *ethos* discursivo pode contribuir para que ocorra (re)significação, (re)configuração do *ethos* pré-discursivo.

Em se tratando do *ethos* pré-discursivo, temos uma combinação de fatores externos ao momento da prática discursiva do enunciador, uma vez que a sua imagem é construída pelo auditório antes mesmo da sua enunciação. Essa imagem está relacionada aos modelos culturais compartilhados, cristalizados discursivamente.

No final da enunciação, o *ethos* pré-discursivo pode sofrer transformações a partir da construção do *ethos* discursivo, mas isso não representa a mediatez dos efeitos por ele provocados, ou seja, a imagem do locutor pode não sofrer alteração de valor no momento da enunciação, mas uma vez instaurado, ele passará a funcionar como *ethos* pré-discursivo.

Toda enunciação se firma em estereótipos, em representações de uma determinada prática discursiva e os efeitos que o enunciador deseja produzir no seu auditório são impostos pela

formação discursiva na qual seu discurso se encontra inscrito; “no momento em que toma a palavra, o orador faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo” (AMOSSY, 2008, p.125).

O *ethos* é revelado no discurso através do modo de dizer do locutor; “maneira de se exprimir” somado às representações que o auditório traz desse sujeito. Se, de um lado, temos o professor que se apresenta, que se posiciona na cena enunciativa como aquele que ensina, aquele que detém o saber; do outro, temos os alunos que se posicionam como aqueles que aprendem, que buscam o saber, sem perder de vista que essas imagens socialmente construídas possam estar arranhadas. O que existe é um processo de estereotipagem, pois criamos modelos sociais que contribuem para a construção de “representações partilhadas”. Interessante considerar que esses modelos são em certa medida estáveis.

Assim, a identidade do professor é construída pelas formas como esse sujeito organiza o seu fazer e pelos modos como ele gerencia o processo de interação. Partindo dessa constatação, pode-se dizer que a identidade se revela um processo dinâmico, dialético, plástico marcado pela relação de interface entre o social e o individual. Ainda, que professor é concebido como tendo uma identidade instável, não unificada, fragmentada, construída discursivamente nas relações sociais que vão sendo desenhadas no processo de interação; “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p.12).

Uma proposta de análise

A superposição de vozes sociais na prática discursiva do sujeito regula a manifestação da construção identitária numa relação entre o social e o individual. O que se percebe é que, em cada aula observada, o ser professor, lugar social, é representado (dramatizado) conforme as injunções da cena, a interação face a face, a organização da aula; a imbricação desses aspectos regula a posição identitária do professor. Em suma, no curso dessa interação, em que se apreende o processo de construção,

6 Esse trecho foi extraído da última aula observada e gravada. A professora pede aos alunos que falem o que eles acharam da experiência vivida junto à pesquisadora, que apresentassem o que eles pensam sobre o estudo da linguagem.

de negociação de imagens de sujeito, flagram-se os movimentos do posicionamento identitário, que se revela plástico.

Recorro ao excerto⁶ abaixo para elucidar algumas considerações apresentadas neste trabalho. Antes, vale dizer que será usado P todas as vezes que nos referirmos ao professor e A para as vozes dos alunos, sujeitos desta pesquisa. O A será seguido de um número para indicar que um mesmo aluno participou, no sentido de tomar a palavra, mais de uma vez da cena enunciativa.

A9: A::h queria falar uma palavra mas eu não queria ... não queria entrar muito no assunto não queria que cada um pensasse... de um jeito... ideologia.

P: Ideologia?

A1: Lembre de Cazuzu.

P: Linguagem pro cê é ideologia?... cê lembrou de Cazuzu? **Também lembro muito.**

((vozes))

A1: Mas Cazuzu é o cara.

((vozes))

P: Mas foi mesmo apesar quebrou os preconceitos conseguiu ser como foi até:: para morrer né?

((vozes))

A2: Foi maluco.

P: Foi maluco.

A10: Igual Raul.

P: Maluco igual Raul **com certeza cê flagra Raul?**

((vozes))

P: Mas é porque ele veio numa época L que contextualizou.

A11: Mas eu leio sobre ele.

P: Não... eu sei disso... mas viver o proce::sso é mais sério ontem é:: eu fiz uma aula conjunta com o professor de história na outra escola... so::bre declaração dos direitos do homem Tiago de Melo **vocês conhecem né? e:::**

A1: Tiago de Melo?

P: É aquela::: fica decretado que agora... sabe? tá... aí parágrafo um só vale aí a gente tava conversando sobre a ditadura militar... e::: ele levou umas coisas de Raul e tinha aluno que NUN::ca tinha ouvido aí ele falou assim pois é né? é::: todos pensam a ditadura militar como buraco negro... mas eu sei de coisas que

eu posso comprovar que a:: () da ditadura militar trouxe para a linguagem... para:: a música para o teatro e para () que durante o período de recessão né? que vale muito esse momento... as pessoas produzem... as pessoas quando as pessoas () hoje a gente teve o exemplo disso quando T foi pra tocar J também quis... então vocês é:: demonstraram com toda leveza não estão treinados que vocês sabem muito então porque que durante... isso me dá um tranquilidade muito grande porque se depois eu tiver a oportunidade se/ de ouvir as gravações eu vou ter um feedback muito grande porque eu tenho trabalhado com vocês vejo o que a gente já aglomerou de conhecimentos que essa linguagem não tá uma língua morta né? essa/essa última flor do Lácio inculta e bela né? que sai lá::: do tempo que Adão jogava pião ela tá evoluindo () e tá crescendo e as pessoas estão mesmo sem muito detalhes aparentemente conscientes de falar bem ter um bom discurso claro evidente vale a pena... né? e aí é uma ideologia sim eu concordo com cê e de verdade à medida que você vai conhecendo é o contexto desses/desses autores e desses poetas da música você vai vendo tem algumas que são meio chatinhas mas tem outras muito profundas .

Como já discutido, pode-se afirmar que é na e pela enunciação que o *ethos* é construído num jogo de imagens, de representações coletivas, de modos de dizer em relação aos sujeitos envolvidos numa determinada situação comunicativa.

Nesse sentido, professor e aluno em sala de aula desempenham papéis institucionalmente definidos, em que o professor se investe do lugar social do sujeito responsável por conduzir a prática de ensino/aprendizagem, cabendo a ele desenvolver ações discursivas engendradas no seio de uma dada atividade didático-pedagógica - **“eu fiz uma aula conjunta com o professor de história”** - e aos alunos é conferida a imagem daquele que deve buscar o saber, que deve interagir com as atividades propostas pelo professor - **“vocês é:: demonstraram com toda leveza não estão treinados que vocês sabem muito então porque que durante...”**.

Para a construção do seu discurso, P se vale de estratégias discursivas adequadas ao seu interesse discursivo, melhor dizendo, esse sujeito recorre a estratégias discursivas que contribuem para a realização da atividade proposta por ele; ora ela indaga sobre as preferências musicais do aluno - **“com certeza cê flagra Raul?”** - , ora ela verifica o conhecimento dos alunos em relação ao seu objeto discursivo - **“vocês conhecem**

né? e?“. Tais estratégias contribuem para a construção do *ethos* de professor que dá voz aos alunos e se interessa em conhecer os seus gostos, seus conhecimentos.

No exemplo acima, a professora projeta a imagem de aluno como estudioso da linguagem, como conhecedor dos aspectos relacionados ao uso da linguagem, entendendo a língua enquanto discurso e não apenas enquanto sistema - **“você é:: demonstraram com toda leveza não estão treinados que vocês sabem muito”, “vejo o que a gente já aglomerou de conhecimentos que essa linguagem não tá uma língua morta né”**. Essa imagem de aluno projetada pela professora sugere a construção de uma imagem estereotipada de professor que remete às expectativas atuais de ensino de língua, portanto, há um compartilhamento do *ethos* pré-discursivo, imagem de professor idealizada socialmente, que se confirma com os modos de dizer da professora. Além disso, em **“vejo o que a gente já aglomerou de conhecimentos”**, verifica-se que a imagem que o enunciador - sujeito docente - intenciona transmitir é o de uma professora consciente do bom trabalho que realiza.

Essa convicção lhe confere o direito do sentimento de cumprir devidamente o seu papel de professor - **“isso me dá um tranquilidade muito grande”** - e, portanto, deixa entrever a imagem que P faz do seu auditório, dos alunos como aqueles que apreenderam as informações, construíram conhecimento. Essa imagem colabora para a construção da uma imagem positiva que P faz de si, *ethos* de professora competente na realização do seu ofício.

Na tentativa de projetar a imagem de um sujeito despreocupado com o fato de suas aulas serem gravadas pela pesquisadora, a professora se refere a esse processo como instrumento de avaliação positiva do seu trabalho **“porque se depois eu tiver a oportunidade se/de ouvir as gravações eu vou ter um feedback muito grande porque eu tenho trabalhado com vocês”**. Infere-se que esse modo de dizer elucida o interesse de P de (re) validar a imagem de professora competente, o que lhe confere credibilidade no desenvolvimento do seu ofício. Essa imagem contribuirá de forma valorativa para a construção da identidade profissional de P.

Observa-se que as sequências **“essa/essa última flor do Lácio inculca e bela né?”**, **“que sai lá::: do tempo que Adão jogava”** revelam um movimento heterogêneo, polifônico. Há nesse sentido um gerenciamento de vozes marcado pela voz do

outro no discurso, essa voz é trazida à cena de forma explícita, estabelecendo interlocução entre o discurso do enunciador e outros discursos (discurso da esfera acadêmica, poética, bíblica) e, portanto, contribui para a legitimação da imagem pretendida por P, a de sujeito dotado de conhecimento. O enunciador assume a posição de estudioso da linguagem “à medida que você vai conhecendo é::: o contexto desses/desses autores e desses poetas”, esse papel confere-lhe autoridade para dizer o que diz. Assim, entende-se que P busca legitimar uma determinada identidade e, para tanto, deixa entrever determinadas representações acerca do modo de ensinar/ aprender a língua.

Por fim, mas sem esgotar as possibilidades de análise, o trecho analisado nos permite considerar todo evento discursivo como um encontro dialético em que a posição sujeito é criada, manifestada no fio do discurso em relação às imagens assumidas pelo sujeito enunciador em função dos efeitos que pretende produzir para o outro, num determinado espaço de enunciação.

Palavras finais

Baseada nesse pressuposto, levo em consideração que a construção da identidade do professor está pautada na imagem que ele faz do seu auditório e de si mesmo, na imagem que o auditório tem do sujeito relacionando-o a uma categoria social, neste caso, professor de Língua Portuguesa, nos modos de dizer do professor. O *ethos* pré-discursivo pode ser confirmado ou negado pelos interlocutores conforme a cena enunciativa em relação ao *ethos* discursivo permitindo ou não sucesso do projeto argumentativo do professor.

Há uma movência na construção da imagem de si no discurso, pois esse processo não depende somente do *ethos* prévio dos interlocutores, mas é no e pelo discurso que essa imagem vai se construindo, se (re)velando, num espaço conflituoso e dinâmico. Sob essa perspectiva, considera-se que o locutor ao enunciar traz para a cena uma imagem de si e essa imagem se efetiva ou não no processo de interação.

Sobre isso, pode-se dizer que, apesar do interesse do locutor em passar boa imagem ao auditório, no sentido de haver uma correlação entre a imagem pretendida e a alcançada, no momento de interação, não há garantia do sucesso desse empreendimento, pois a representação é socializada, moldada, modificada e, conseqüentemente, existe uma regulamentação

de imagens construídas que interferem na prática discursiva. Nesse sentido, a emergência de novos *ethos* acontece sempre num processo de tensão, numa relação de alteridade. Portanto, estudar a construção da identidade do professor a partir dessa perspectiva é investigar o discurso desse sujeito considerando a situação real de manifestação do seu discurso, com intuito de apreender as representações, a dramatização, o jogo de imagens (re)velado no fio do discurso, os modos de organização do discurso e as circunstâncias discursivas que se deixam emergir na prática discursiva e contribuem para a construção da identidade desse sujeito.

ABSTRACT

To accomplish this work, we take into consideration that the Portuguese language teacher discursive practice is lined by the image the teachers make of their audience and the meaning effects they wish to produce with their class - in this case, ninth grade students from a private elementary school located in a city in the state of Minas Gerais. These representations might be confirmed or denied by the interlocutors according to the enunciative scene which permits or not the success of the teacher's argumentative plan. In a discursive approach which dialogues with Maingueneau (2008) and Amossy (2008), we understand that the discursive *ethos* is directly related to the utterance moment and to the previous image that the audience has above the enunciator even before his speech. In addition, in the discursive process, the enunciator assign himself in an anchored crystallized representations, stereotypes that somehow determine the success of this representation in a discursive scene image. This way, the paper aims to propose a link between *ethos* and identity placements to understand that the movements (verbal or non-verbal), mobilized by the teacher, could make a positive contribution to build their image in the course of his enunciation, within their classes to better understand how this subject shows up and builds itself to his counterparts, in the case, the students. From this perspective, it can be concluded that all discursive activity is entered in specific historical and social context in which the enunciator, up against his draft speech, establishes a communicative contract with his audience under a series of relationships that can guarantee the success of the discursive event.

Keywords: Identity. Enunciative Scene. Discursive *Ethos*.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2008.

ARISTOTELES. **Retórica**. Branca Vilallonga. 2 ed. ISBN: 972-271377-9. Disponível em < http://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf>.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Problema da poética de Dostoiévski**. 3ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3 ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo, Contexto, 2008 a. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). ***Ethos* discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b p.11-29.